



Comissão de Pós-graduação

Relatório de disciplina



2025 - 2ºSem - Pós-graduação

AC101 - Laboratório de Criação - Turma A

Subtítulo: O Campo de Visão: alteridade e coralidade

Subtítulo

O Campo de Visão: alteridade e coralidade

Sala AC03**Oferecimento DAC**

Segunda-feira das 14 às 17

Ementa O Laboratório de Criação é parte do núcleo experimental de criação cênica. Trata-se de um projeto de criação cênica proposto pelo docente responsável, em consonância com seu projeto de pesquisa, englobando as etapas de pesquisa de materiais, experimentação, composição cênica, abrangendo uma ou mais modalidades: dramaturgia, coreografia, interpretação, performance e direção cênica/encenação. Os resultados poderão ser apresentados publicamente, com avaliação da recepção, ou apresentados parcialmente na disciplina Seminários de Pesquisa em Artes.

Créditos 3**Hora Teórica 15****Hora Prática 30****Hora Laboratório 0****Hora Estudo 0****Hora Seminário 0**

Docentes

Marcelo Ramos Lazzaratto

Critério de Avaliação

- Presença; - Participação propositiva; - Envolvimento; - Entrega de artigo ao final da disciplina.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LAZZARATTO, M. R. Campo de Visão: exercício e linguagem cênica. São Paulo: Escola Superior de Artes Celia Helena, 2011.

LAZZARATTO, M.R. Campo de Visão: um exercício de alteridade. Campinas. Editora Unicamp, 2023.

LESKY, Albin. A tragédia grega. São Paulo: Perspectiva, 1976.

- LEVINAS, Emmanuel. Ensaio sobre a alteridade. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2010.
- LOSCO, Mireille; MÉGEVAND, Martin. Coro/Coralidade. In: SARRAZAC, Jean-Pierre (org); Catherine Naugrette... [et al.] Léxico do drama moderno e contemporâneo. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify. 2012.
- NIETZSCHE, F. O Nascimento da Tragédia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PAVIS, Patrice. Dicionário de teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SARRAZAC, Jean-Pierre (1989), Théâtres Intimes, Arles, Actes Sud.
- _____ (2002), O Futuro do drama. trad. Alexandra Moreira da Silva, Porto, Campo das Letras.
- _____ (2003), Choralité - Note sur le postdramatique, Alternatives théâtrales, no 76-77, 2e trimestre, Alternatives théâtrales, pp. 28-29.
- SZONDI, Peter. Ensaio sobre o Trágico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- VERNANT, Jean Pierre. Mito e Tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Teses e dissertações:

GONCALVES, Michelle C. Campo de Visão: inventário de procedimentos.

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000944717&opt=4>

SPINA, R. A Voz e O Campo e Visão. <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000879100>

Conteúdo

Esta disciplina, essencialmente prática, tem como objetivo estabelecer relação entre o sentido de coralidade e a alteridade, indispensáveis à contemporaneidade, através do exercício improvisacional e linguagem cênica Campo de Visão. O “Campo de Visão” é um sistema improvisacional coral e um pressuposto estético desenvolvido há 30 anos por Marcelo Lazzaratto. Com o seu grupo de pesquisa, a Cia. Elevador de Teatro Panorâmico, há 25 anos vem sistematizando o Campo de Visão continuamente em variados processos de criação, tais como "A hora em que não sabíamos nada uns dos outros"; "Amor de Improviso"; e "Ifigênia", e "Díasporas", entre tantos outros. O Campo de Visão foi objeto de Mestrado de Marcelo Lazzaratto na UNICAMP, em 2003, e lugar de onde nasceram as reflexões de seu Doutorado a respeito da interioridade do ator, em 2008 e objeto central de sua Livre Docência: "Campo de Visão: um exercício de alteridade". Este procedimento objetiva a ampliação da visão periférica e da percepção do outro, desenvolve a noção espacial, ativando e articulando um estado de concentração poética em que Razão e Sensibilidade se interseccionam livremente. Por se estruturar como um exercício apoiado no jogo da alteridade ele não se esgota. Ele estimula o ator a potencializar seu corpo como um corpo-perceptivo, aberto às impregnações na mesma medida que o estimula a ser condutor/criador de suas escolhas estéticas. Trata-se de um procedimento estético coral em que o ator toma o outro como elemento inspirador para sua própria criação, se apropriando de movimentos alheios e se relacionando com todo e qualquer elemento que o estimule: música, espaço, objetos, palavras e imagens. O Campo de Visão promove, assim, a coralidade através de uma experiência de alteridade, enfatizando um profundo diálogo entre indivíduo e coletividade. Como objetivos específicos essa disciplina visa oferecer: - Potencialização do “jogo” teatral; - Ampliação da percepção do “outro”; - Ampliação da noção espacial; - Ampliação do repertório gestual; - Ampliação do repertório imagético; - Estimular a “escolha” criativa; - Relação entre movimento e ritmo; - Relação entre movimento e objeto; - Relação entre movimento e palavra; - Relação entre coro e protagonista e coro e corifeu; - Reflexão entre indivíduo e coletividade; - Reflexão entre a metonímia e a metáfora no que diz respeito ao trabalho do ator.

Metodologia

A disciplina terá em linhas gerais a seguinte estrutura metodológica: I - Percepção e Movimento: 4 encontros de 3 horas de duração cada: Encontro 1 – Apresentação do Campo de Visão, sua origem, suas regras. Prática do jogo. Livre. Encontro 2 – O Campo de Visão e a percepção auditiva. Encontro 3 – Leitura e análise do texto a ser trabalhado. Encontro 4 – O Campo de Visão e a percepção espacial. Seleção do texto coral a ser trabalhado. II Tema - 4 encontros de 3 horas de duração cada: Encontro 1 - um tema escolhido pelo condutor rege todo o encontro Encontro 2 – primeira parte: tema concreto. Segunda parte: tema abstrato Encontro 3 – o tema do texto selecionado conduzirá o trabalho Encontro 4 – repete-se a temática do encontro anterior com ênfase na construção espacial pelo coletivo. III Objetos - 2 encontros de 3 horas de duração cada Encontro 1 – aproximação do objeto. Primeiro como objeto imaginário e depois utilizando-o em sua concretude; exercitar a diferença entre as diversas qualidades de um objeto: suas características físicas, sua utilidade e força simbólica. Encontro 2 – escolha de objetos-síntese a serem utilizados pelo coro. Praticar o Campo de Visão enfatizando o entendimento da alteridade que o uso dos objetos deflagra. IV Texto - 4 encontros de 3 horas de duração cada Encontro 1 – elaboração do material dramático a ser utilizado na cena. Encontro 2 – experimentação em campo de visão dos aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos do texto. Encontro 3 - relação entre coro e corifeu e entre coro e protagonista desenvolvida em Campo de Visão. Encontro 4 – ensaio organizador do material criativo processado visando a apresentação final. Avaliação final.

Observação